

Angústia, de Graciliano Ramos: O acervo da José Olympio e a restituição do texto do romance¹

Thiago Mio Salla²

Resumo

A obra de Graciliano Ramos entrou em domínio público em 1º de janeiro de 2024. Desde então, a editora Todavia deu início à publicação da coleção Graciliano Ramos, com o objetivo de levar aos leitores, em edições enfim pautadas pela restituição do último ânimo autoral, os títulos publicados em vida pelo escritor, bem como obras inéditas. Até o momento saíram dois romances (Angústia e Vidas secas), bem como o livro infantil Os filhos da coruja (2024), resultante de um poema manuscrito nunca antes impresso. Tendo em vista tal iniciativa, o presente artigo visa tratar do trabalho de estabelecimento de texto de Angústia (2024), para o qual se produziu uma edição crítica de base, considerando não apenas fatores biográficos e cronológicos, mas também o cotejo de uma miríade ampla de versões (doze ao todo) produzidas antes do falecimento do autor alagoano em março de 1953. Em meio a esse material, destacam-se muitos manuscritos modernos: provas tipográficas, exemplares de trabalho e datiloscritos que pertenciam originalmente ao arquivo da Livraria José Olympio Editora e hoje se encontram sob a guarda tanto do Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros, quanto da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, ambas instituições da Universidade de São Paulo.

Palavras chave: Graciliano Ramos; José Olympio; *Angústia*.

1 Este texto foi pensado e escrito para ser apresentado como conferência durante o "16º Congresso Internacional da APCG: Arquivo expandido. Conexões e processos de criação", na Mesa "Manuscritos brasileiros". O autor generosamente autorizou sua publicação, após alguns ajustes realizados por ele.

2 Doutor em Ciências da Comunicação e em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), é docente e pesquisador da ECA-USP e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da FFLCH-USP. Publicou Garranchos: textos inéditos de Graciliano Ramos (Record, 2012), Graciliano e a Cultura Política: mediação editorial e construção do sentido (Edusp, 2016) e Graciliano na terra de Camões (Ateliê, 2021). A partir de 2024, organiza a Coleção Graciliano Ramos para a editora Todavia.

Abstract

The works of Graciliano Ramos entered the public domain on January 1, 2024. Since then, the publishing house *Todavía* has begun publishing the Graciliano Ramos collection, with the aim of bringing to readers, in editions that are finally guided by the restitution of the author's last inspiration, the titles published during the writer's lifetime, as well as unpublished works. To date, two novels have been published (*Angústia* and *Vidas secas*), as well as the children's book *Os filhos da coruja* (2024), resulting from a handwritten poem that has never been printed before. In view of this initiative, this article aims to address the work of establishing the text of *Angústia* (2024), for which a basic critical edition was produced, considering not only biographical and chronological factors, but also the comparison of a wide myriad of versions (twelve in total) produced before the death of the author from Alagoas in March 1953. Among this material, many modern manuscripts stand out: typographic proofs, working copies and typescripts that originally belonged to the archive of *Livraria José Olympio Editora* and are today under the custody of both the Archive of the Instituto de Estudos Brasileiros and the Biblioteca Brasileira Guita and José Mindlin, both institutions of the University of São Paulo.

Keywords: Graciliano Ramos; José Olympio; *Angústia*.

Em “A Revolução de 1930 e a Cultura”, Antonio Candido assinala que todo o fervor e o florescimento cultural catalisado pelo movimento de Outubro repercutiram intensamente na indústria do livro brasileira. Tanto o formato, quanto o conteúdo das obras passaram por um processo de renovação e nacionalização, cujo resultado teria alçado nosso livro à condição de instrumento da “cultura mais viva do país”³. Se o dito romance de 1930 (em suas diferentes facetas) pode se afirmar em termos literários, editorialmente se expandiu o trabalho inovador de Monteiro Lobato iniciado nos anos 1920, o qual se notabilizara pela preferência por autores brasileiros; pelo interesse por problemas da hora; pelo arrojo, a um só tempo, empresarial e intelectual de vender a preços acessíveis sem perder a qualidade; e por buscar para os livros “uma fisionomia material própria, diferente dos tradicionais padrões franceses e portugueses”⁴.

Ao trilhar os caminhos que Lobato já havia explorado, a José Olympio, a mais destacada editora do período, investiu em jovens escritores nacionais, bem como em jovens artistas que trouxeram, sobretudo para as capas e ilustrações, conquistas e inovações estéticas antes confinadas a um público restrito. Tudo isso num contexto de queda acentuada do poder aquisitivo dos mil-réis, em decorrência da depressão mundial, que, a um só tempo, tornou proibitivo o preço de livros importados e abriu caminho para a expansão sem precedentes da indústria livreira no país. Em entrevista publicada em 1937, no periódico *O Observador Econômico e Financeiro*, apesar de algumas críticas ao setor, o editor José Olympio salientava o incremento da produção: “hoje já podemos lançar edições de cinco a dez mil exemplares. Há dez anos isto seria uma utopia”⁵. Em referência especificamente ao estado de São Paulo, onde já se encontrava o maior parque gráfico e centro editorial do país, Hallewell assinala que entre 1930 e 1936 a produção de livros cresceu mais de 600%⁶.

Mais de trinta anos depois do início das atividades de José Olympio, o poeta Carlos Drummond de Andrade, em conhecida crônica, procura dimensionar a abrangência daquela loja de livros portadora de alma:

O fato é que não se pode compreender a efervescência de ideias, de planos, o sentido socializante da literatura por volta de 35 a 37, sem a presença da Casa [referência à Livraria José Olympio Editora]. O romance sofrido do Nordeste, situado em 30, ganhou ali direitos de cidade. O modernismo, então ainda ridicularizado por jornais e salões, começou a funcionar como produto editorial, que o público julgaria diretamente. Os Documentos Brasileiros se

3 CANDIDO, Antonio. “A Revolução de 1930 e a Cultura”. In: A educação pela noite. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 232.

4 *Idem, ibidem.*

5 O LIVRO na Economia. *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 16, 26 maio 1937, p. 28.

6 HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: Sua História*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo, Edusp, 2005, p. 422.

*converteram num laboratório de crítica, pesquisa social e interpretação histórica do Brasil*⁷.

A abrangência desse trabalho fez com que a José Olympio se destacasse como nossa principal editora da primeira metade do século XX, sobretudo quando se considera o investimento na literatura brasileira e, de modo mais amplo, em livros de diferentes áreas que tematizam a vida nacional. Mesmo em meio aos conturbados anos 1930 e 1940, o foco da Casa continuou sendo o lançamento e a promoção de nossos autores — os títulos brasileiros representaram 85% dos livros publicados pela editora entre 1933 e 1944⁸.

No pós-guerra, a expansão dos negócios levava a José Olympio a se dedicar de modo mais específico à atividade editorial, abrindo mão de sua livraria no centro no Rio e, por conseguinte, das vendas diretas no varejo, frente principal de sua atuação nos anos 1930. Nesse novo contexto, passa a se notabilizar também por coleções ilustradas de clássicos da literatura e de obras sobre o Brasil — livros de Alencar, Dostoiévski (dez volumes ricamente ilustrados, traduzidos e apresentados por nomes representativos), a coleção “Fogos Cruzados” (que reunia os maiores romances do mundo). Comercialmente, investiu na venda de porta em porta pelo crediário, estabelecendo concorrência com a precursora nesse tipo de venda, a W. M. Jackson. Em 1960, torna-se sociedade anônima de capital aberto, sobressaindo como a primeira editora brasileira a ter suas ações cotadas na Bolsa de Valores⁹.

No entanto, um pouco mais adiante, em decorrência da crise mundial do petróleo em 1973, a José Olympio, assim como a maioria das editoras brasileiras, teve de enfrentar sérias dificuldades econômicas e financeiras. Após pleitear empréstimo no BNDE (antigo BNDES) com o objetivo de conseguir um reforço de capital e, ao mesmo tempo, adquirir recursos para comprar a lucrativa editora Nacional do recém-falecido Octalles Marcondes Ferreira, a José Olympio, fortemente endividada, acabou tendo de passar sua administração para o banco público. Manteve-se o seu fundador na condição de presidente honorário da Companhia, embora tenha sido criado um conselho especial para supervisionar o trabalho feito pela empresa. Esse esquema de trabalho durou por um certo tempo, pois o BNDE manifestou interesse em vender a editora, algo que se concretizou apenas

7 ANDRADE, Carlos Drummond de. “A Casa”. In: *Obra Completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967, p. 755.

8 O aumento da publicação de livros traduzidos de menor expressão literária pela Casa dá-se apenas em meados dos anos 1940, num contexto pós-Segunda Guerra. Destaque para as traduções feitas por escritores conhecidos (Rachel de Queiroz, José Lins etc.), sobretudo de obras em francês e inglês [HALLEWELL, Laurence. *op. cit.*, p. 459].

9 NASCIMENTO, Francisco José Tavares do. **A Livraria José Olympio Editora no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2012, p. 32. Disponível em: <[https://rubi.casaruibarbosa.gov.br/bitstream/handle/fcrb/193/A%20Livraria%20Jose%20Olympio%20Editora%20no%20Arquivo-Museu%20de%20Literatura%20Brasileira%20II%20\(1\).pdf?sequence=3](https://rubi.casaruibarbosa.gov.br/bitstream/handle/fcrb/193/A%20Livraria%20Jose%20Olympio%20Editora%20no%20Arquivo-Museu%20de%20Literatura%20Brasileira%20II%20(1).pdf?sequence=3)>. Acesso em: 10 mar. 2025.

em abril de 1984, quando Henrique Sérgio Gregori, presidente da Xerox do Brasil, adquiriu-a. Infelizmente, este morre no ano de 1990, assim como o próprio José Olympio. Em 2001, a Casa, ainda com seis mil títulos no catálogo, passou a fazer parte do grupo editorial Record.

Em 1979, em meio ao processo falimentar da editora, quando ela acaba encampada pelo BNDE, José Olympio doa parte de seu acervo pessoal e do acervo da Casa ao Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, então dirigido pelo bibliófilo Plínio Doyle. O editor também destinou uma parcela de sua biblioteca (1738 exemplares) ao Claretiano — Centro Universitário, instituição localizada em sua cidade natal, Batatais (SP). Com a venda da José Olympio para a Record em 2001, os documentos e livros remanescentes foram destinados à Fundação Biblioteca Nacional.

Nesse lento apagar das luzes da José Olympio, José Mindlin adquire parte dos datiloscritos, exemplares de trabalho e provas tipográficas de obras de Graciliano Ramos e João Guimarães Rosa que pertenciam originalmente ao arquivo da editora. Antes disso, a família do autor de *Vidas secas*, após a realização de uma exposição em homenagem a Graciliano Ramos ocorrida na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em 1963, fica, por empréstimo, com os manuscritos modernos do romancista então pertencentes a seu antigo editor¹⁰. Hoje, por uma feliz coincidência, todo esse material se encontra guardado na Universidade de São Paulo, quer no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), especificamente no fundo Graciliano Ramos, quer na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM)¹¹.

Lacuna Editorial

Em 11 de outubro de 1980, o termo de doação do “Arquivo Graciliano Ramos” ao Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP) é firmado por Heloísa Ramos, viúva do escritor. No documento, indicava-se que a instituição depositária do acervo teria prioridade “no preparo de textos restabelecidos ou apurados e de edições críticas”, que, pautando-se rigorosamente pelas “normas aceitas pela Edótica”, tomaria como base manuscritos ou exemplares de trabalho, isto é, versões impressas corrigidas pelo próprio autor e de acordo com sua última vontade¹². Por fim, sublinha-se que as publicações de obras do romancista decorrentes de tal

10 No catálogo de tal exposição, indicam-se duas fontes documentais: a coleção guardada por Heloísa Ramos e a Coleção da Livraria José Olympio Editora. Entre os itens arrolados e pertencentes a essa última, encontram-se justamente as mesmas provas tipográficas e exemplares que constam no termo de doação do Arquivo Graciliano Ramos ao IEB.

11 Além disso, no fim dos anos 1970, Clara Ramos, uma das filhas do escritor, recebeu de José Olympio sete manuscritos das *Memórias do cárcere*, versões reescritas por Graciliano. Esse material se encontra hoje em poder de uma das herdeiras de Clara.

12 PROCESSO 81.1.2728.1.2 1, 1 out. 1980, art. 4, d, Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, f. 3.

trabalho dependerão de “entendimentos entre o IEB/USP, os herdeiros e o Editor que detenha no momento o contrato de edição comercial da obra”¹³.

A doação foi homologada e, posteriormente, ampliada em 17 de março de 1994. Desde que as primeiras caixas com os documentos chegaram, o IEB vem desempenhando um papel importante na preservação, conservação e catalogação de algo em torno de quinze mil itens (manuscritos, recortes de jornal, correspondência, documentos pessoais, fotos), conjunto inicialmente guardado pelo próprio Graciliano e depois ampliado e completado, após sua morte em março de 1953, por Heloísa Ramos¹⁴. Em meio a esse material também se encontram, conforme se pode ler no termo de doação, provas tipográficas e exemplares de trabalho corrigidos pelo autor que, diferentemente dos demais elementos, pertenciam ao acervo da Livraria José Olympio Editora e seriam oportunamente devolvidos.

Não só os documentos pertencentes a José Olympio nunca foram devolvidos (hoje continuam a fazer parte do Fundo Graciliano Ramos guardado pelo IEB), como até a entrada da obra do romancista em domínio público, em janeiro de 2024, ela jamais recebera o devido tratamento edótico com vistas à produção sistemática de edições críticas¹⁵. Pelo contrário, ao longo dos anos críticos assinalaram o processo de degradação do texto do autor, cuja obra, após deixar a José Olympio em março de 1960, passa ser publicada pela Livraria Martins Editora de São Paulo até 1975, quando, enfim, migra para a editora Record, que a edita com exclusividade até dezembro de 2023.

Em 1974, Adriano da Gama Kury envia carta ao *Jornal do Brasil* para expressar seu receio com a notícia de que a editora Martins lançaria os livros de Graciliano por meio das bancas de jornais. Segundo o professor, as últimas edições da casa paulista estavam longe de espelhar fielmente o texto que o autor legou, “tal a soma de erros tipográficos que se acumulam de edição para edição, impedindo literalmente qualquer estudo sério da sua linguagem e estilo”¹⁶. Em seguida, aponta dois erros de concordância que assomavam numa mesma página de *S. Bernardo*. Mais de um ano depois, no mesmo jornal, ele volta à carga e aponta o

13 Idem, f. 4.

14 UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Instituto de Estudos Brasileiros. **Guia do IEB**: O acervo do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 2010, p. 129.

15 Há apenas a realização de iniciativas pontuais que ou foram publicadas como trabalhos acadêmicos, como a tese *Edição crítica de Angústia de Graciliano Ramos* (Niterói: UFF, 1977), de Sonia Monnerat Barbosa, e a dissertação *S. Bernardo, de Graciliano Ramos: proposta para uma edição crítica* (São Paulo: USP, 1998), de Nádia Regina Marques Coelho Bumirgh, ou se resumiram a uma única edição publicada por editora comercial a quem os herdeiros tenham cedido os direitos patrimoniais da obra, sem outros desdobramentos (Ver a edição crítica de *Insônia* realizada por Maria Eurides Pitombeira de Freitas, publicada em 1973 como resultado de uma parceria entre Livraria Martins Editora e INL/MEC). Nesse último caso, tem-se a edição de *Insônia*.

16 KURY, Adriano da Gama. “Da revisão do texto”. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 8 maio 1974, p. 6 [Carta dos leitores].

desleixo na composição tipográfica, bem como as discrepâncias em relação às últimas edições revistas pelo autor. Em *Vidas secas*, destaca a substituição sempre equivocada de “sinha” e “catinga”, por “sinhá” e “caatinga”, respectivamente, bem como a troca de “pretume” por “perfume”. Diante das inúmeras mutilações, urgia restabelecer o texto do romancista alagoano, entregando-se a tarefa a “professores e estudantes universitários capazes”¹⁷.

Em fins dos anos 1970, Valentim Facioli relata sua experiência com a leitura da 29ª edição de *S. Bernardo* publicada pela Record, na qual ressalta inúmeras falhas no texto: diferenças” de palavras, falta de parágrafos e um pastel (em que parte de um capítulo aparece enxertada em outro). Considerando que a obra havia recebido dezessete edições em apenas oito anos, com uma média de mais de duas por ano, e que a viúva de Graciliano já havia apontado à editora Martins a presença de mais de duzentas modificações não autorais em uma edição de *Vidas secas*, Facioli reivindicava a elaboração de uma edição crítica que viesse “por cobro (e não cobre)” a pôr fim a tal descalabro¹⁸.

Mesmo com o aprimoramento das edições por ocasião do centenário de nascimento do escritor, comemorado em 1992, os livros de Graciliano Ramos publicados pela Record estavam longe de se mostrarem confiáveis. Para se ter uma ideia, a edição comemorativa de *Angústia*, por exemplo, publicada em 2011, em capa dura, com rico aparato (posfácios e fortuna crítica) apresenta mais de setenta modificações não autorais. Há desde questões relativas à padronização (como o uso de maiúscula em vez da minúscula indicada pelo autor; a não observação da abreviatura “S.” em lugar de “São”); inúmeras quebras ou separações de parágrafos em descompasso com a última vontade materializada do autor; discrepâncias no âmbito da pontuação; omissão ou inclusão não previstas de artigos definidos; problemas com ortografia, crase, concordância; e ainda gralhas que ocasionam sérios desvios na interpretação. Por exemplo, mais ao fim do romance, em meio a um longo delírio do narrador-protagonista Luís da Silva, tem-se a frase “Eu *regava* o livro que estava aberto em cima do colchão”. Mesmo em meio à atmosfera de confusão mental de Luís da Silva, da primeira à quinta edição de *Angústia*, Luís da Silva “*pegava*”, não “*regava*” o livro. Tal erro parece se ajustar à atmosfera opressiva e alucinatória que envolve a personagem, mas não contempla a vontade do autor.

O pior é constatar que a maior parcela das modificações não autorais identificadas na edição comemorativa de 2011 e na 94ª, de 2023, não se encontra nem na oitava edição do livro, a primeira feita pela Martins, em 1961, nem na 15ª, a primeira publicada pela Record, ainda em parceria com a empresa paulista, em 1975. Embora, como visto, o trabalho dessas duas editoras tenha sido alvo de críticas, grande parte dos problemas acima apontados aparentam ter sua origem na 56ª

17 KURY, Adriano da Gama. “Graciliano, o texto”, **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 8 nov. 1975, p. 2 [Livro].

18 FACIOLI, Valentim. “Reescreveram Graciliano Ramos”. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 3 set. 1978, p. 61 [Ilustrada].

edição de *Angústia*, de 2003, a primeira a informar que tomava o exemplar de trabalho da quarta edição, emendado por Graciliano como texto-base. Em outras palavras, as discrepâncias em questão circulam há vinte anos, ao longo das últimas 38 edições.

Edição da *Todavia*¹⁹

Como tentativa de superação desse estado de coisas, a partir de janeiro de 2024, a editora *Todavia* dá início à publicação das obras de Graciliano Ramos com fito de não apenas restituir o último ânimo autoral, como também dar testemunho de seu processo trabalho ao realizar a colação de testemunhos desde a fase redacional à fase editorial. Em meio à obra relativamente enxuta de Graciliano, escolheu-se o romance *Angústia* para dar início à jornada. Trata-se do livro de Graciliano Ramos mais bem-sucedido ao longo da vida do escritor que, por ter recebido um número maior de edições (cinco ao todo), mobiliza mais amplamente um conjunto mais destacado de documentos originalmente pertencentes ao acervo da editora José Olympio.

Não por acaso para o estabelecimento do texto do romance, a edição da *Todavia* tomou como base um exemplar de trabalho da quarta edição do romance devidamente revisto por Graciliano Ramos (trata-se de item do referido acervo da José Olympio sob a guarda do IEB) e que veio a orientar a confecção da quinta edição do livro, publicada em 1952, a última em vida do autor, que morreu em março do ano seguinte²⁰. Além de considerar esse aspecto externo (biográfico e cronológico) para subsidiar a referida escolha, realizou-se ainda o cotejo interno entre doze versões (parciais e integrais) da narrativa, anteriores ao falecimento do escritor, de modo a confirmar qual delas representaria melhor a última vontade autoral. Depois de extensa pesquisa em diferentes instituições, sobretudo no IEB, os itens considerados nesse processo de colação foram os seguintes:

- Dois recortes de jornal preliminares ao lançamento do livro, um de junho de 1936 estampado na *Revista Acadêmica* e outro, do mês seguinte, publicado no *Boletim de Ariel*, que abrangem, respectivamente, os segmentos 18 e 2 da obra.
- A primeira edição publicada em agosto de 1936 pela Livraria José Olympio Editora.
- Cópia manuscrita dos segmentos 22 e 29 da narrativa pertencente à Biblioteca Pública de Manaus. Além desses excertos de *Angústia*, o

19 As bases e postulados da edição de *Angústia* publicada pela *Todavia* e que são expressos neste tópico correspondem à versão, com modificações pontuais, da "Nota editorial" que abre a versão do romance publicada por essa editora em 2024. Cf. SALLA, Thiago Mio. "Nota editorial". In: RAMOS, Graciliano. *Angústia*. São Paulo: *Todavia*, 2024.

20 Trata-se de um exemplar defeituoso em termos materiais, com várias páginas invertidas e, muito provavelmente por isso, acabou sendo usado pelo autor para o trabalho de revisão.

documento abarca ainda cinco capítulos de *S. Bernardo* (3, 19, 28, 29 e 30), dois de *Vidas Secas* (“Cadeia” e “Baleia”) e um conto de *Insônia* (“O relógio do hospital”). Tal conjunto data de 1938 e foi produzido para presentear o diplomata Mauro de Freitas.

- Uma prova tipográfica para a segunda edição (1941) inteiramente revista por Graciliano, guardado pelo IEB/USP, mas originariamente pertencente ao acervo da Livraria José Olympio Editora. Tal documento seria posterior a um provável exemplar de trabalho da primeira edição também revisto pelo autor, o qual não consta de seu arquivo, mas pode ser inferido (daí a sua contabilização) a partir do cotejo entre essa prova e a edição princeps.
- A segunda edição publicada em 1941 pela Livraria José Olympio Editora.
- Um exemplar de trabalho da segunda edição, revisto pelo autor até a página 34 e utilizado para subsidiar a terceira edição (1947). Documento pertencente ao IEB/USP.
- Uma prova tipográfica para a terceira edição integralmente revista por Graciliano. Documento pertencente à Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (USP) e que também, originariamente, pertenceu ao acervo da Livraria José Olympio Editora.
- A terceira edição publicada em 1947 pela Livraria José Olympio Editora.
- A quarta edição publicada em 1949 pela Livraria José Olympio Editora.
- Um exemplar de trabalho da quarta edição inteiramente revisto por Graciliano e utilizado para a quinta edição. Documento pertencente ao IEB/USP e considerado como base para o estabelecimento do texto desta proposta de *Angústia*. Como já dito, trata-se de item que pertencia ao acervo da Livraria José Olympio Editora.
- A quinta edição publicada em 1952 pela Livraria José Olympio Editora, a última em vida do escritor.

Esse conjunto documental relativo à *Angústia*, a que se somariam o manuscrito e o datiloscrito do romance, itens infelizmente perdidos²¹, poderia ser disposto num esquema linear. Nessa cadeia, cada versão mantém características do estágio textual anterior, ao mesmo tempo em que traz especificidades próprias, quer decorrentes da vontade autoral (Graciliano promoveu ajustes e correções na obra até o fim da vida), quer originadas de acidentes no processo de composição.

21 Tanto o conto “Entre grades”, escrito nos anos 1920 e do qual Graciliano aproveitara o assunto e o personagem para compor a história, quanto mais propriamente os originais da obra que, no dia de sua prisão, em 3 de março de 1936, ele entregou à d. Jeni, datilógrafa. Prestes a ser transferido de Maceió para o Recife, o escritor-detento se mostrava preocupado com o romance inédito e, recebendo buscas em sua residência, orienta a esposa, após o término do trabalho de d. Jeni, a guardar o manuscrito numa casa e a cópia em outra. Apesar do zelo do autor, hoje não se tem notícia de nem um, nem da outra.

Além da eleição do texto base e da definição da linhagem textual de *Angústia*, o trabalho de confronto entre todas essas versões do romance feitas e validadas em vida pelo autor resultou na produção de uma edição crítica de *Angústia* acompanhada de muitas centenas de notas com o propósito de documentar todas as variações pelas quais o texto passou ao longo da vida de Graciliano, da primeira à quinta edição. Todavia, considerando o público mais amplo a que se dirige a proposta da editora, tal aparato crítico foi reduzido, sobretudo, à documentação das principais lições substantivas, isto é, mudanças e/ou supressões de palavras e frases mais destacadas, capazes de melhor documentar o laboratório do escritor e os diferentes estágios do romance em quanto uma espécie de *work in progress*²². As chamadas lições acidentais, isto é, aquelas decorrentes sobretudo de gralhas no processo de composição das provas tipográficas, foram apenas indicadas na nota editorial que antecipa a edição.

Em resumo, a edição proposta pela Todavia procurou equacionar o dimensionamento do aparato crítico em função do público amplo que uma editora comercial, não acadêmica, almeja, fazendo com que a edição crítica produzida como base tivesse de ser simplificada para as demandas de leitores não especializados. Ao mesmo tempo, optou-se por chamadas de nota mais discretas, numeradas de página a página, cujas comissiva encontram-se ao fim, bem como pelo uso do chamado aparato negativo, isto é, pelo registro somente das variantes não adotadas no texto crítico, usando o itálico como realce gráfico para assinalar supressões, substituições e acréscimos. Mais particularmente, além de documentar estágios do texto e alterações essenciais implementadas pelo autor nas quatro reedições da obra até sua morte²³, procurou-se ainda anotar as mais relevantes mudanças definitivas feitas no texto-base, isto é, aquelas presentes no exemplar de trabalho revisto por Graciliano para a quinta edição, bem como pedidos feitos em provas tipográficas que, por sua vez, não teriam sido atendidos.

Nesse último caso, registre-se que foram assinaladas apenas marcações efetuadas pelo próprio Graciliano. Um dos grandes desafios de se lidar com documentos provenientes de arquivos editoriais encontra-se justamente no fato de que eles carregam as marcas feitas por diferentes agentes da cadeia do livro, tais como editores, revisores, tipógrafos. Por exemplo, no exemplar de trabalho da quarta edição emendado pelo autor, há alguns sinais feitos a lápis, sugerindo ajustes na paragrafação, bem como o uso de sublinhado ou a justaposição de interrogações diante algumas de suas opções, como “de mais” escrito separadamente ou “porque” sempre grafado junto. No entanto, como tais marcações não seguem o padrão daquelas realizadas pelo escritor, que, no texto-

22 Eliminações de artigos, pronomes, preposições, conjunções coordenativas, verbos de ligação, alterações na contração entre artigos e preposições, ajustes na pontuação, apesar de corroborarem a documentação do constante aperfeiçoamento do texto por parte do autor e do perfeccionismo deste, não constam do aparato.

23 Com exceção da terceira edição (embora ela também tenha sido revisada pelo autor), a segunda, quarta e quinta vêm com a indicação, na folha de rosto, “edição, revista”.

base, utiliza caneta-tinteiro preta, e como a quinta edição não acata essas sinalizações, não só elas não teriam sido implementadas como não constam ao fim, na seção “Variantes e comentários”. Desconsiderou-se ainda a recorrente presença de indicações no cabeçalho e no rodapé de cada página, provavelmente realizadas por profissionais responsáveis pela composição tipográfica do livro ou a eles endereçadas.

De modo particular, *Angústia* inaugura a parceria entre Graciliano Ramos e prestigiosa Livraria José Olympio Editora, vínculo que se prologaria por mais de vinte anos, mesmo depois da morte do escritor. Tal estreia, no entanto, teve como resultado uma tiragem de dois mil exemplares marcados por múltiplos problemas. Em relação ao texto-base, a primeira edição destaca-se como aquela que apresenta o maior número de variantes, tanto estilísticas, quanto tipográficas. Trata-se em geral de erros e ajustes que serão assinalados pelo autor na prova tipográfica e em exemplar de trabalho utilizados como base para a confecção da segunda edição.

Como se sabe, em diferentes momentos de sua trajetória, Graciliano malhou impiedosamente *Angústia*, julgando-o um romance mal escrito e repleto de erros terríveis. Sua postura desabonadora em relação à obra, expressa a diferentes interlocutores, sobretudo em suas cartas²⁴, vinculava-se, fundamentalmente, ao fato de ele não ter procedido à revisão quer do datiloscrito, quer das provas do livro em decorrência de sua prisão. Em suas *Memórias do Cárcere*, de início, ele manifestara a necessidade de recopiar todo o texto, corrigir a história, suprimir repetições excessivas, desconchavos. Com o livro em processo de edição, sobressaltava-se com a necessidade de emendar os erros cometidos pela datilógrafa e os seus próprios, coisa que não poderia fazer no presídio. Julgava uma temeridade a publicação²⁵. Todavia, quando livro vem a lume e alguns exemplares lhe chegam às mãos, todo o seu desânimo, desgosto e cólera vêm à tona: “A leitura me revelou coisas medonhas: pontuação errada, lacunas, trocas horríveis de palavras. A datilógrafa, o linotipista e o revisor haviam feito no livro sérios estragos. Onde eu escrevera *opinião pública* havia *polícia*; *remorsos* em vez de *rumores*. Um desastre.”²⁶

De fato, a primeira edição traz uma infinidade de gralhas ou pastéis, termos que no jargão das artes gráficas corresponderiam a erros tipográficos. As preocupações de Graciliano eram mais do que justificadas. Para além dos dois casos assinalados pelo autor (mais propriamente conhecidos como gatos, isto é,

24 Entre estes podem-se listar Antonio Candido, José Osório de Oliveira, Benjamin de Garay, Cassiano Nunes (Cf. LEBENSZTAYN, Ieda e SALLA, Thiago Mio. **Correspondência**. São Paulo: Todavía, 2025 [no prelo]).

25 Ainda em relação ao romance, Graciliano também expressa em suas *Memórias do Cárcere*, o temor de ver a primeira tiragem apreendida e destruída, bem como o editor José Olympio preso. Dizia fiar-se na esperança de que sua narrativa seria tão “medíocre” e “vagabunda”, que passaria despercebida pelos censores. “Desgraçado alívio”.

26 RAMOS, Graciliano. **Memórias do Cárcere**. Rio de Janeiro: José Olympio, vol. 4, 1953, p. 83.

ao observar a troca de uma palavra por outra), pode-se listar um rol extenso de problemas aparentados a esses. Há diversos casos em que um único caractere se encontra virado, trocado ou fora do lugar: “monrões” (“mourões”), “troturava-me” (triturava-me), “assistar” (“assustar”), “quartans” (“quartaus”), “cochico” (“cochilo”), “chepéu” (chapéu), “gritei anteriormente” (“gritei interiormente”), “traço do cigarro” (“trago do cigarro”), “çualquer” (“qualquer”), “rangindo” (“ringindo”), “gorando” (“gerando”), “mãos doidas” (“mãos doídas”), “sinhá” (“sinha”), “seguivavam” (“seguravam”), “perna” (“perua”), “perninha” (“peruinha”), “veio tomar” (“veio tornar”), “mahnã” (“manhã”), “iVam” (“Viam”), “itvesse” (“tivesse”).

Em outras ocorrências detecta-se a falta de uma única letra ou sílaba: “patrotismo” (“patriotismo”), “na arranja” (“não arranja”), “cheio de podridão” (“cheiro de podridão”), “derramentos” (“derramamentos”), “agandar” (“agadandar”), “fumando cahimbo” (“fumando cachimbo”), “mestruada” (“menstruada”), “cherei-os” (“chirei-os”), “examinav” (“examinava”), “distitas” (“distintas”), “pela alma” (“pela palma”), “esmolando” (“esmolambado”). Em contrapartida, tem-se também vocábulos em que se percebe o acréscimo de um ou mais caracteres: “carramanchão” (“caramanchão”), “descrépita” (decrépita), “descentedentes” (descendentes). A esse conjunto acrescentam-se ainda gralhas que geram problemas de caráter sintático: “olhos baço” (“olhos baços”), “com os olhos meios fechados” (“com os olhos meio fechados”), “a angustiada confusão de seu Ramalho irritavam-me” (“irritava-me”), “amarrar a cabra” (“amarrar o cabra”), “O poço da Pedra era um piscina enorme” (“O poço da Pedra era uma piscina enorme”).

No que concerne à pontuação, outra das grandes preocupações do autor com a primeira edição, há diversas ocorrências em que critérios sintáticos na colocação de vírgulas foram desrespeitados, incluindo não apenas separações “estúpidas” entre sujeito e verbo, mas também entre verbo e complemento. Esses seriam os casos, respectivamente, das frases a seguir, posteriormente corrigidas pelo escritor: “Marina, bocejava por detrás do leque” e “D. Albertina sabia, umas coisas [...]”. Há ainda omissão de vírgula em enumerações (“[...] cinco mil-réis de salário, muitas suspensões”), ponto final no lugar de vírgula (“A porta, que tinha ficado aberta, mostrava-me os paralelepípedos, as sarjetas, as pernas dos transeuntes [...]”), inúmeras omissões de ponto no final de período, passagem em que temos início de frase em caixa-baixa (“Gostava de me lavar assim quando era menino. a trovoadas ainda roncava no céu [...]”), entre outros deslizes.

A previsão pessimista de Graciliano de que *Angústia* não chegaria a uma segunda edição e, assim, não lhe seria concedida a possibilidade de emendar o texto não se confirma. Muito pelo contrário, trata-se de seu livro editorialmente mais bem-sucedido que, até a morte do escritor, alcançou cinco edições e duas traduções: uma para o espanhol (1945), publicada pela Editorial Independência de Montevideo, outra para o inglês (1946), sob a batuta da casa norte-americana Alfred Knopf de Nova York.

Ainda antes da segunda edição, o escritor já promovia ajustes no texto. É o que se depreende das versões de dois capítulos de *Angústia* que integram um conjunto

de manuscritos autógrafos de Graciliano encontrado na biblioteca de Manaus. Esse material data de 1938 e foi dedicado pelo próprio artista a Mauro de Freitas, diplomata e ex-oficial de gabinete da presidência da República de Getúlio. Ao que tudo indica, tratava-se de cópias feitas para presentear ao amigo, e não de fragmentos dos originais do romance publicado dois anos antes. Considerando a data do documento e o cotejo dele com as versões impressas, observa-se que, ao produzi-lo, Graciliano segue a primeira edição lançada dois anos antes. No entanto, tendo em vista as muitas deficiências desta última aqui listadas, o escritor já aproveita para introduzir nessa transcrição uma série de emendas que tomariam corpo apenas na edição de 1941. Destaque, sobretudo, para as correções de gralhas (“*chepéu*” e “*distitas*”) e problemas com a pontuação (vírgulas omitidas ou fora do lugar e falta de ponto final). Além disso, introduz nesse manuscrito variantes que não se repetem em edições posteriores, como no capítulo 29, na frase “A aba do meu chapéu bateu-lhe na *cara*”, sendo que sempre empregou “*testa*” ao invés de “*cara*”. Tal divergência poderia ser atribuída à proximidade semântica entre os termos e/ou à memorização imperfeita.

De todo modo, na prova tipográfica revista pelo autor para a segunda edição, bem como no exemplar de trabalho conjecturado a partir desse documento, observa-se que Graciliano promove a correção das adulterações detectadas na edição princeps, bem como elimina novas gralhas decorrentes do processo de repaginação do texto. Avulta aqui a atuação do escritor como revisor com larga experiência²⁷, atento a corrigir erros comuns na composição a quente (com destaque para a linotipia²⁸) que ainda prevalecia ao longo dos anos de 1930 e 1940: a inversão na ordem de apresentação dos caracteres no interior das palavras; a troca na ordem das linhas; linhas de ponta-cabeça; a repetição de vocábulos, sintagmas e linhas inteiras; a ausência de trechos inteiros (nesses casos, o escritor acrescentava, nas margens, as passagens omitidas, mas, quando percebia a falta de grandes parcelas de texto remetia o tipógrafo ao original); a presença de porções do texto recorridas (cujo deslocamento não deixa de ser assinalado pelo artista alagoano); a falta de padronização no uso de alguns tipos (que vinha acompanhada de recados aos responsáveis pela composição); problemas nos espaços que demarcam as fronteiras de palavras, entre outros.

Para além de atuar sobre os erros tipográficos que vinham da primeira edição e sobre problemas novos decorrentes da recomposição do texto para a segunda, faz uma série de aprimoramentos na narrativa que apenas um ensaio devotado à estilística do autor seria capaz de analisar. De todo modo, entre outros aspectos, pode-se perceber que ele suprime períodos e orações; elimina sistematicamente

27 Cf. SALLA, Thiago Mio. “As marcas de um autor revisor: Graciliano Ramos a Roda dos Jornais e das Edições de seus Próprios Livros”. **Livro: Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição (NELE)**, vol. 5, p. 105-131, 2016.

28 Processo cuja composição e fundição das linhas davam-se em uma só peça, mediante a injeção de ‘chumbo’ (na verdade uma liga de chumbo, antimônio e estanho) nas matrizes a uma temperatura de mais ou menos 280°C (ARAÚJO, Emanuel. **A construção do livro**. 2a ed. Rio de Janeiro, São Paulo, Lexicon, Editora Unesp, 2008, pp. 328-329).

artigos definidos (sozinhos ou em contração com preposições), verbos de ligação, pronomes, adjuntos adverbiais; prima pela precisão lexical e expressividade, associada geralmente à busca por contenção, síntese. A títulos de ilustração desses processos, tomem-se os exemplos a seguir:

Supressão de frases

E1²⁹: *“Um relógio batia, mas os rumores da rua não me deixavam contar as pancadas. Julião Tavares e Marina ausentes”.*

E2: *“Um relógio batia. Julião Tavares e Marina ausentes”.*

E1: *“Seu Ivo dormia encostado à parede, com a boca aberta. A corda estava em cima da mesa, formando laçadas. Agarrei-a, fiz dela um bolo [...]”.*

E2: *“Seu Ivo dormia encostado à parede, com a boca aberta. Agarrei a corda, fiz dela um bolo [...]”.*

Eliminação de artigos

E1: *“Bonitinha, a Berta”.*

E2: *“Bonitinha, Berta”.*

E1: *“[...] o olho do padre Inácio[...]”.*

E2: *“[...] o olho de padre Inácio [...]”.*

E1: *“[...] parecia uma mulher”.*

E2: *“[...] parecia mulher”.*

Cortes de verbos de ligação

E1: *“Tudo é fácil”*

E2: *“Tudo fácil”.*

E1: *“[...] em primeiro lugar era a parte superior do corpo [...]”.*

E2: *“[...] em primeiro lugar a parte superior do corpo [...]”.*

Eliminação de pronomes

E1: *“[...] que ela pretende educar [...]”.*

E2: *“[...] que pretende educar[...]”.*

E1: *“O que eu não achava certo [...]”.*

E2: *“O que não achava certo[...]”.*

Supressão de adjuntos adverbiais

E1: *“Depois outro sumiço, e assim a noite inteira”.*

E2: *“Outro sumiço”.*

E1: *“[...] entrava sem vergonha, como um cachorro, nunca lhe faltou a boia”.*

E2: *“[...] entrava sem vergonha, nunca lhe faltou a boia”.*

Busca por síntese

29 Quanto às siglas empregadas a seguir, E1, E2, E3, E4 e E5 dizem respeito às cinco primeiras edições (ver especificações sobre elas na lista apresentada anteriormente). E5 remete ao exemplar de trabalho utilizado para a quinta edição, texto base da proposta de edição da *Todavia*.

E1: “Avancei os dedos devagar para o conjunto de anéis, mas quando ia tocá-lo, uma das circunvoluções se desdobrou e bateu-me [...]”.

E2: “Avancei os dedos em direção aos anéis, mas quando ia tocá-los, um se desfez e bateu-me [...]”.

E1: “[...] segurei o braço de Marina, mole como um molambo”.

E2: “[...] segurei o braço mole de Marina”.

No exemplar de trabalho da segunda edição utilizado para a produção da terceira, Graciliano realiza, fundamentalmente, a atualização ortográfica do texto consoante a reforma de 1943, que correspondeu, no Brasil, à adoção do *Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (PVOLP)*. Entre outros aspectos, tal procedimento teve implicações na grafia dos nomes de alguns personagens da trama, com destaque para *Victoria* (Vitória); *Moysés* (Moisés); *Camillo* (Camilo); *Ignacio* (Inácio); *Theotoninho* (Teotoninho); *Philippe Benigno* (Filipe Benigno); e *Luiz da Silva* (Luís da Silva). Na prova tipográfica para a terceira edição, novamente entra em cena o autor-revisor que se detém, quase por completo, em assinalar variados problemas na composição, entre os quais algo então novo: a necessidade de inserção de vinhetas entre os capítulos quando elas não se faziam presentes (até a segunda edição os diferentes segmentos do romance eram separados apenas pelo espaçamento).

A partir desse último documento já é possível identificar ajustes no texto que, de fato, serão implementadas na terceira edição. Eles não se encontram assinalados por Graciliano, o que nos leva a pressupor a existência de outro exemplar de trabalho ou prova tipográfica não localizada no qual ele tenha registrado as modificações. Entre as mudanças pode-se destacar a eliminação sistemática de artigos indefinidos (isolados ou ligados a preposições); por um lado, a quebra das contrações “dum”, “duma” e, por outro, a promoção das formas combinadas “num”, “numa”, “noutro”, “noutra”; a inserção de travessão somado às aspas nas ocorrências de discurso direto em meio à narração; a uniformização gráfica com opção para realces em itálico (não mais em negrito); cortes da conjunção aditiva “e”; e, em continuidade com a edição anterior, avultam ainda supressões e reestruturações, tendo em vista a promoção de clareza em meio ao derramamento de *Angústia*. Tomem-se alguns exemplos:

Supressão do artigo indefinido

E1, E2: “— Um pedaço daquilo é uma arma terrível. Uma arma terrível, sim senhor [...]”.

E3: “— Um pedaço daquilo é arma terrível. Arma terrível, sim senhor [...]”.

E1, E2: “[...] um burburinho que ia crescendo e se transformava num grande clamor”.

E3: “[...] um burburinho que ia crescendo e se transformava em grande clamor”.

Eliminação de pronomes

E1, E2: “[...] a derramar a sua voz azeitada”.

E3: “[...] a derramar a voz azeitada”.

E1, E2: “O homem que se casar com ela faz negócio ruim”.

E3: “O homem que casar com ela faz negócio ruim”.

Contrações de preposição e artigo/pronome

E1, E2: “Passo diante duma livraria [...]”.

E3: “Passo diante de uma livraria [...]”.

E1, E2: “[...] outras pancadas me esfriariam o sangue, em um segundo [...]”.

E3: “[...] outras pancadas me esfriariam o sangue, num segundo [...]”.

E1, E2: “Você faz melhor negócio comprando a dinheiro em outra loja”.

E3: “Você faz melhor negócio comprando a dinheiro noutra loja”.

Eliminação da conjunção “e”

E1, E2: “Procurava chorar — lembrava-me dos mergulhos no poço da Pedra e das primeiras lições do alfabeto [...]”.

E3: “Procurava chorar — lembrava-me dos mergulhos no poço da Pedra, das primeiras lições do alfabeto [...]”.

E1, E2: “Vitória pôs a xícara, o açucareiro e a garrafa térmica sobre a mesa e foi deitar-se”.

E3: “Vitória pôs a xícara, o açucareiro e a garrafa térmica sobre a mesa, foi deitar-se”.

Contenção e supressões

E1, E2: “Era claro que as paredes necessitavam limpeza [...]”.

E3: “Certamente as paredes necessitavam limpeza [...]”.

E1, E2: “Lá fui com elas, capiongo, pagar bonde, sorvetes e três cadeiras de primeira classe”.

E3: “Lá fui com elas, capiongo, pagar bonde, sorvetes e três cadeiras”.

E1, E2: “Amaro passava uma hora aboiando as reses que definhavam no carrapato e na morrinha”.

E3: “Amaro passava uma hora aboiando”.

Embora não se disponha de um exemplar de trabalho ou mesmo de uma prova tipográfica com o registro das emendas propostas por Graciliano para a quarta edição, o confronto desta com a terceira permite identificar a continuidade do trabalho de poda operado pelo autor. Sendo assim, há novas eliminações de artigos indefinidos, do “e” aditivo, bem como de pronomes, preposições, adjuntos

adverbiais da conjunção adversativa “mas”. De modo análogo, percebem-se cortes de palavras, frases, além de ajustes mais finos, como na ordem de alguns vocábulos no interior de um determinado sintagma. A eliminação de novas gralhas também continua, como a troca do nome de “Marina” por “Maria”, bem como o ajuste sistemático no adjunto adverbial “de vez em quando”, que passa para “de *quando* em quando”, algo já iniciado nas correções para a segunda edição. Os excertos abaixo procuram ilustrar as modificações aqui referidas:

Supressão de artigos indefinidos e da conjunção “e”

E1, E2, E3: “Um arrastar de pés e sons resmungados”.

E4: “Arrastar de pés e sons resmungados”.

E1, E2, E3: “[...] três mulheres velhas que pareciam formigas cavavam, podavam e regavam”.

E4: “[...] três mulheres velhas que pareciam formigas cavavam, podavam, regavam”.

Eliminação de preposições

E1, E2, E3: “A mulher magra, de cócoras, com a saia entalada entre as pernas [...]”.

E4: “A mulher magra, de cócoras, a saia entalada entre as pernas [...]”.

E1, E2, E3: “Machucada, suja de poeira, de lama seca e de teias de aranha”.

E4: “Machucada, suja de poeira, lama seca e teias de aranha”.

Exclusão da conjunção “mas”

E1, E2, E3: “Pensei que gostava de você, mas enganei-me [...]”.

E4: “Pensei que gostava de você, enganei-me [...]”.

E1, E2, E3: “Tentei levantar-me, mas as pernas vergaram”.

E4: “Tentei levantar-me, as pernas vergaram”.

Cortes de pronomes

E1, E2, E3: “Se ele me tivesse encomendado [...]”.

E4: “Se me tivesse encomendado [...]”.

E1, E2, E3: “Seu Ivo andava assim, zambeta, balançando-se [...]”.

E4: “Seu Ivo andava assim, zambeta, balançando [...]”.

Retirada de adjuntos adverbiais

E1, E2, E3: “No outro dia levantei-me aperreado, com sono”.

E4: “No outro dia levantei-me aperreado”.

E1, E2, E3: “Os jornais andaram durante uma semana a elogiá-lo”.

E4: “Os jornais andaram a elogiá-lo”.

Inversão de termos

E1, E2, E3: “[...] fazia mau negócio [...]”

E4: “[...] *faria negócio mau [...]*”

E1, E2, E3: “[...] *avancei a cabeça para o lugar onde supunha ele ter ficado*”.

E4: “[...] *avancei a cabeça para o lugar onde supunha ter ele ficado*”.

Por meio da análise do exemplar de trabalho para a quinta edição utilizado pela Todavia como texto de base, percebe-se que, mesmo já ao fim da vida, quando começava a sofrer as consequências de um câncer de pleura diagnosticado no segundo semestre de 1952, Graciliano atuou de modo efetivo no aprimoramento final da narrativa³⁰. Trata-se da versão do romance em que mais avultam algumas dezenas de substituições de caráter semântico, tendo em vista a postura obstinada do autor na busca por precisão e expressividade. Ao mesmo tempo, correção, concisão e despojamento continuam a guiar seu trabalho. Novamente, ajusta gralhas remanescentes da edição anterior, elimina um leque grande de palavras e sintagmas (pronomes, preposições, artigos, adjuntos adverbiais, verbos de ligação, etc.), apara e retextualiza frases. O exemplário a seguir tem função ilustrativa de tais procedimentos:

Trocas semânticas

E4: “*não me amedrontavam*” > ET5 e E5: “*não me atemorizavam*”.

E4: “*dava-me agonia*” > ET5 e E5: “*dava-me tremuras*”.

E4: “*Pimentel é um canalha.*” > ET5 e E5: “*Pimentel é um malandro.*”.

E4: “*os mesmos olhos travessos*” > ET5 e E5: “*os mesmos olhos traquinas*”.

E4: “*era mais insuportável que a solidão*” > ET5 e E5: “*era mais opressivo que a solidão*”.

Gralhas remanescentes (ortografia e vírgula entre sujeito e predicado)

E4: “*Minha avó, sinhá Germana [...]*”.

ET5 e E5: “*Minha avó, sinha Germana [...]*”.

E4: “[...] *busca-pés, estouravam na rua da Cruz e no Cavalo-Morto*”.

ET5 e E5: “[...] *busca-pés estouravam na rua da Cruz e no Cavalo-Morto*”.

Cortes de palavras e sintagmas

E4: “*Volta a tratar das suas ocupações domésticas*”.

ET5 e E5: “*Volta a tratar das ocupações domésticas*”.

30 A quinta edição de *Angústia* saiu em outubro de 1952, o mesmo mês em que o autor regressava ao Brasil após passar, sem sucesso, por uma cirurgia endotorácica em Buenos Aires. O médico argentino deu-lhe apenas três meses de vida, e ele se aguentou por cinco, tomando injeções de morfina para conter as fortes dores no peito (MORAES, Dênis de. *O velho Graça*. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 285).

E4: *“Isto não tinha nenhuma importância”.*
 ET5 e E5: *“Isto não tinha importância”.*

E4: *“Duas dessas pernas”*
 ET5 e E5: *“Duas pernas”.*

E4: *“vermelha como uma pimenta”*
 ET5 e E5: *“vermelha como pimenta”*

E4: *“o desejo de minguar, de achatarse”*
 ET5 e E5: *“o desejo de minguar, achatarse” (PT5, 156)*

E4: *“Algumas horas depois uma criatura dissipou as fumaças mesquinhas de vingança”*
 ET5 e E5: *“Uma criatura dissipou as fumaças mesquinhas de vingança”.*

E4: *“Agora era aquela moleza”.*
 ET5 e E5: *“Agora, aquela moleza”.*

Contenção e retextualização (frases)

E4: *“Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva caducava; meu pai vivia preocupado com os dozes pares de França; sinha Germana tinha morrido; Quitéria, coitada, era bruta demais [...]”.*
 ET5 e E5: *“Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva caducava; meu pai vivia preocupado com os doze pares de França; Quitéria, coitada, era bruta demais [...]”.*

E4: *“[Vitória] Nunca embarcou, sempre viveu em Maceió, mas tem na ponta da língua as embarcações de todas as companhias”.*
 ET5 e E5: *“[Vitória] Nunca embarcou, sempre viveu em Maceió, mas tem o espírito cheio de barcos”.*

Desfecho

Como resultado desse trabalho de estabelecimento textual que se desdobra sobretudo por provas tipográficas, exemplares de trabalho e edições, graças ao material legado pela José Olympio e guardado pela Universidade de São Paulo, pode-se perceber que Graciliano não cumpriu o próprio desejo expresso em suas *Memórias do Cárcere* de refazer o texto e, assim, eliminar pelo menos um terço dele. No entanto, promoveu cortes, ajustes e emendas sucessivas de edição a edição até sua morte. Pode-se dizer que se trata de um processo mais localizado, não estrutural, pois a enunciação fragmentária e reiterativa de *Angústia* demandava repetições de modo a mais bem expressar o ciclotímico estado

psíquico do obsessivo narrador protagonista. Embora em menor escala, os ajustes realizados pelo escritor no enunciado da obra primam de modo constante pela busca de clareza, precisão e contenção, valendo-se de procedimentos análogos aos que ele empregou em *S. Bernardo* e utilizará em *Vidas Secas*, dois de seus livros pautados, consensualmente, pela concisão, desatavio e *secura* que, por excelência, definiriam o celebrado estilo Graciliano Ramos.

Angústia, portanto, representaria um projeto artístico diferente no conjunto da obra de Graciliano. Antonio Candido trata-o como um “romance excessivo” que contrastava com a discricção e o despojamento dos outros, embora fosse, possivelmente, o livro mais apreciado do escritor, apesar das partes “gordurosas e corruptíveis”³¹. Silviano Santiago se refere a ele como uma narrativa “soldada por sobras”, marcada por “casulos de redundância”³². Rui Mourão detalha o que chama de “carreamento acumulador”, considerando a realização linguística do volume eivada de “frases, senão redundantes, de expressão multiforme e superpostas”³³. Lúcia Helena Carvalho utiliza a metáfora do parafuso para se referir a esse texto que gira sobre si mesmo, “multiplica-se em variantes, num sistema complexo de repetição”³⁴. Logo, se a prosa de *Angústia* se destacava pela abundância e pela redundância, isso não quer dizer, muito pelo contrário, que o consciencioso Graciliano Ramos não tenha atuado simultaneamente para simplificar e potencializar os enunciados em consonância com seu próprio cânone, com destaque para o resultado obtido em *S. Bernardo*.

Sendo assim, para *Angústia*, também continua válido o paralelo estabelecido pelo autor entre o ato de escrever e o ofício das humildes lavadeiras de Alagoas, que só estendiam um pano para secar na corda ou no varal depois de lavá-lo, ensaboá-lo e torcê-lo repetida e meticulosamente. De modo análogo, das páginas produzidas pelos homens de letras “não deve pingar nenhuma palavra, a não ser as desnecessárias”. O trabalho operado por Graciliano com a narrativa de Luís da Silva segue esse mote. Todavia, esse texto apresenta outro estatuto, pois se trata, continuando a famosa analogia, da lavagem de uma colcha de retalhos mais extensa, enovelada, encardida, cuja limpeza e depuração teria outro escopo, embora o procedimento empregado fosse similar.

31 CANDIDO, Antonio. **Ficção e confissão**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006, p. 47.

32 SANTIAGO, Silviano. “Posfácio”. In: RAMOS, Graciliano. **Angústia**. Rio de Janeiro: Record, 2023, p. 311 e 312.

33 MOURÃO, Rui. **Estruturas: ensaio sobre o romance de Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: Arquivo Editora e Distribuidora, 1971, p. 90.

34 CARVALHO, Lúcia Helena. **A ponta do novelo**. São Paulo: Ática, 1983, p. 23.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, C. D. de. “A casa”. In: **Obra completa**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967, p. 755.
- ARAÚJO, E. **A construção do livro**. 2ª ed. Rio de Janeiro, São Paulo, Lexicon, Editora Unesp, 2008.
- CANDIDO, A. **Ficção e confissão**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CANDIDO, A. “A Revolução de 1930 e a Cultura”. In: **A educação pela noite**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 219–240.
- CANDIDO, A. “Graciliano, o texto”, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8 nov. 1975, p. 2 [Livro].
- CARVALHO, L. H. **A ponta do novelo**. São Paulo: Ática, 1983.
- FACIOLI, V. “Reescreveram Graciliano Ramos”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 3 set. 1978, p. 61 [Ilustrada].
- HALLEWELL, L. **O livro no Brasil: Sua história**. 2. ed. ver. e ampl. São Paulo, Edusp, 2005.
- KURY, A. da G. “Da revisão do texto”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8 maio 1974, p. 6 [Carta dos leitores].
- LEBENSZTAYN, I.; SALLA, T. M. **Correspondência**. São Paulo: Todavia, 2025 [no prelo].
- MOURÃO, R. **Estruturas**: ensaio sobre o romance de Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Arquivo Editora e Distribuidora, 1971.
- NASCIMENTO, F. J. T. do. **A Livraria José Olympio Editora no Arquivo- Museu de Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2012, p. 32. Disponível em: <[https://rubi.casaruibarbosa.gov.br/bitstream/handle/fcrb/193/A%20Livraria%20Jose%20Olympio%20Editora%20no%20Arquivo-Museu%20de%20Literatura%20Brasileira%20II%20\(1\).pdf?sequence=3](https://rubi.casaruibarbosa.gov.br/bitstream/handle/fcrb/193/A%20Livraria%20Jose%20Olympio%20Editora%20no%20Arquivo-Museu%20de%20Literatura%20Brasileira%20II%20(1).pdf?sequence=3)>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- O LIVRO na Economia. *O Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, n. 16, 26 maio 1937, p. 28.
- PROCESSO 81.1.2728.1.2 1, 1 out. 1980, art. 4, d, Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo.
- RAMOS, G. **Memórias do Cárcere**. 4 vols. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

SALLA, T. M. “As marcas de um autor revisor: Graciliano Ramos a Roda dos Jornais e das Edições de seus Próprios Livros”. **Livro: Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição (NELE)**, vol. 5, p. 105–131, 2016.

SALLA, T. M. “Nota editorial”. In: RAMOS, Graciliano. **Angústia**. São Paulo: Todavia, 2024, p. 15–39.

SANTIAGO, S. “Posfácio”. In: RAMOS, Graciliano. **Angústia**. Rio de Janeiro: Record, 2023, p. 307–321.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Instituto de Estudos Brasileiros. **Guia do IEB: O acervo do Instituto de Estudos Brasileiros**. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 2010.